

O Folheto de Ambas Lisboas (1730 - 1731) e a literatura de folhetos do Nordeste: usos e apropriações / *The Both Lisbons Pamphlet – Folheto de Ambas Lisboas (1730 – 1731) and pamphlet literature: uses and appropriations*

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa*

Professora da UFPB, desde 1987. Ensina Literatura Brasileira no DLCV. Atualmente é Titular e atua como pesquisadora 2 do CNPq.

 <https://orcid.org/0000-0002-4399-9972>

Suelen Oliveira de Brito**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-4778-7894>

Recebido em 17 jul. 2019. Aprovado em: 01 nov. 2019.

Como citar este artigo:

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico; BRITO, Suelen Oliveira de. “O Folheto de Ambas Lisboas (1730 - 1731) e a literatura de folhetos do Nordeste: usos e apropriações. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 124-138 / Eng. 126-143, nov. 2019. ISSN 2317-2347.

RESUMO

Desconhecido de parte da historiografia literária brasileira e portuguesa, o *Folheto de Ambas Lisboas* (1730 – 1731), atribuído ao editor Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e a seu colaborador, Vitorino José da Costa, é objeto e *corpus* do presente artigo. Trata-se do primeiro periódico de humor publicado em Portugal no século XVIII. Escrito em estilo jocoso, parodiava principalmente a *Gazeta de Lisboa*. Inscrito no conjunto dos papeis que circulavam e tiveram grande sucesso na Lisboa do Século XVIII, o *Folheto de Ambas Lisboas* apresenta características semelhantes a de outros periódicos de sucesso que o sucederam, tais como: *Anatômico jocosos* (1755 – 1758), de Frei Lucas de Santa Catarina e *O Pinto Renascido Empenado e Desempenado - Primeiro Voo* (1732), de Tomás Pinto Brandão. Sua fórmula editorial foi copiada em fins do século XVIII por José Daniel Rodrigues da Costa, com seu *Almocreve de Petas* (1798), erroneamente tomado como precursor dos folhetos humorísticos de Portugal. Esses periódicos tinham como forma principal de circulação a venda avulsa em folhetos, cujas matérias e conteúdo, em forma jocosa, dialogavam tanto com a cultura popular, quanto com os gêneros consagrados pela Retórica e Poética. Utilizando como aporte teórico o conceito de “apropriação” de Chartier (1991), este artigo demonstra, entre outros aspectos, a relação entre esse folheto português e o *Auto da Rainha Porcina* (1660), de Baltazar Dias. Essa relação também pode ser percebida entre a notícia da morte de uma cachorrinha presente no *Folheto de Ambas Lisboas*, com o cordel *O dinheiro* (BARROS, 1909), de Leandro Gomes de Barros, que também será aqui apontada.

PALAVRAS-CHAVE: *Folheto de Ambas Lisboas*; *Auto da Rainha Porcina*; Literatura de folhetos.

*

 socorrofpbarbosa@hotmail.com

**

 Suelenbrito@outlook.com.br



ABSTRACT

The *Folheto de Ambas Lisboas* (1730 - 1731), attributed to the editor Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora and his collaborator Vitorino José da Costa, and virtually unknown within Brazilian and Portuguese historiography, is the object and corpus of this article. The first comic Portuguese pamphlet in the 18th century, the *Folheto* was written in a humorous style, primarily parodying the *Gazeta de Lisboa*. One of many publications in circulation, the *Folheto* was well-received in 18th century Lisbon. The periodical has similar characteristics to other successful periodicals, such as *Anatomico jocoso* (1755 -1758), by Frei Lucas de Santa Catarina, and *O Pinto Renascido Empenado e Desempenado - Primeiro Voo* (1732), by Tomás Pinto Brandão. At the end of the 18th century, the latter's "editorial formula" was copied by José Daniel Rodrigues da Costa, in *Almocreve de Petas* (1798), mistakenly taken as a precursor of Portugal's comic pamphlets. These periodicals circulated primarily through the retail sale of pamphlets that contained articles and content that humorously dialogued as much with popular culture as with genres consecrated by Rhetoric and Poetics. Using Chartier's (1991) concept of "appropriation" as a theoretical contribution, this article demonstrates, among other aspects, the relationship between this particular Portuguese pamphlet and the *Auto da Rainha Porcina* (1660), by Baltazar Dias. This relationship can also be seen between the news of the death of a puppy present in the *Folheto de Ambas Lisboas*, with the chapbook *O dinheiro* (BARROS, 1909), by Leandro Gomes de Barros, which will also be pointed out here.

KEYWORDS: *Folheto de Ambas Lisboas*; *Auto da Rainha Porcina*; Brazilian popular literature (Pamphlet Literature).

1 Introdução

A pesquisa sobre o *Folheto de Ambas Lisboas* (1730-1731) se integra ao projeto *Ler e escrever nos folhetos periódicos lusos dos séculos XVIII e XIX*¹. Este projeto tem como objetivo dar visibilidade a um suporte pouco estudado, tanto no Brasil como em Portugal. Nesse país, os folhetos são considerados apenas como “periódicos humorísticos e de diversão pura” (TENGARRINHA, 1989, p. 54), característicos dos primórdios da imprensa portuguesa. Segundo o autor, a “importância se resume apenas a testemunhos ou documentos da maior importância para o conhecimento a crítica social e a libertação do espírito crítico da época sobre a sociedade”. Dessa forma, ao traçar as características gerais do que considerou como a origem da imprensa portuguesa, Tengarrinha apresenta a mesma face teleológica ressaltada por Belo (2004): são objetos imperfeitos, faltosos, cujas “limitações impostas aos jornais transformavam-nos em instrumentos dóceis dos poderes políticos e religiosos ou em meros meios de diversão, normalmente frívolos” (TENGARRINHA, 1989, p. 116). Indo de encontro a esta perspectiva, razão única para a valorização desses escritos, Lisboa e Miranda (2011, p. 403) entendem o humor desses folhetos como de caráter “explicitamente conservador do ponto de vista moral e social, opondo-se a pretensões de mobilidade e à ambição social”.

Além de cartas, esses folhetos publicavam, de forma jocosa, outros gêneros, literários ou não, que primeiramente circularam em formato livro ou mesmo em impressos e manuscritos, em sua forma erudita, dentre os quais romances, sonetos, epigramas e odes que foram

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no PPGL/UFPB, com financiamento do CNPq.

associados a outros *gêneros menores*, tais como a anedota, o romance jocoseiro, a adivinhação, a charada. Pode-se afirmar que esses folhetos ou papéis ganharam *um novo status* ao se transformar em livros, organizados em capítulos, da mesma forma que os periódicos noticiosos. Por isso, “para compreender as significações dos livretos de grande circulação, é necessário evidentemente voltar ao impresso, na sua própria materialidade” (CHARTIER: 2004, p. 275). A esses folhetos também é possível aplicar aquilo que Chartier identificou no cordel francês como sendo “fórmula editorial”. Por fórmula editorial entende-se aquilo “que dá ao objeto formas próprias, que organiza os textos de acordo com dispositivos tipográficos específicos”, cujo repertório é “aquilo que é contemporâneo do leitor, do seu horizonte de expectativa, não é o texto mais ou menos antigo, mas a forma impressa na qual ele é dado a ler” (CHARTIER, 1988, p. 178).

Em Portugal, esse gênero de publicação tem início em 1730, quando Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora publica os folhetos conhecidos como *Folheto de Ambas Lisboas*², que surgiu ao parodiar outro periódico, detentor de prestígio perante a Corte, e que tinha permissão para circular pelo reino, a *Gazeta de Lisboa Ocidental*. O periódico jocoso, que circulou por um ano, revelava seus propósitos em seu primeiro número: *queira Deus que lhe achem pilhas em quantas ele disser graças*. Segundo Bluteau (1728, p. 3) o termo *pilha* significa “de quem tem muita graça na conversação, dizemos que tem pilhas de sal ou pilhas de graça”.

O folheto era impresso na Oficina da Música e teve 26 números, sendo um deles, o último, dedicado apenas à Lisboa Ocidental, mudando o título de *Folheto de Ambas Lisboas* para *Folheto pelo Escabeche de Gazeta* (17/08/1731). Adiante demonstra-se a origem do título *Ambas Lisboas*. À maneira da *Gazeta de Lisboa*, seu conteúdo era apresentado a partir dos vários lugares, no caso do folheto, esses eram os bairros de Lisboa; Bairro Alto, Rossio, Remolares, Mouraria e Costa da Ribeira, entre outros. Sobre esses, as notícias, em cartas, poesias, etc, sempre mantinham o tom jocoso em relação às notícias que corriam na *Gazeta de Lisboa*, como é o caso da publicada abaixo, sobre o efeito da seca no rio Tejo:

Lisboa Oriental

Ribeira 2. de Setembro

Por uma bateria, que aqui chegou da Chamusca, carregada de melancias, veio notícia, que o Tejo estava com uma grande dor de pedra, e se ia

² Em 1798, José Daniel Rodrigues da Costa, lança seu *Almocreve de Petas* e copia, sem cerimônia, a “fórmula editorial” adotada pioneiramente por Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e seu colaborador Vitorino José da Costa. O *Almocreve de Petas* é um sucesso editorial e seu autor não se envergonha de informar ao seu leitor que se trata de cópia e muita vez tomado como o precursor do humor periódico em Portugal.

fazendo tão tísico que lhe apareciam os ossos. Tem-se mandado buscar água do Zêzere, e Nabão para a cura, e não chega bastante. Tem dado muito que entender isto ao Zambrana, que lhe tem tomado o pulso, e desconfia muito da sua saúde, e diz, que só com favores do Céu como chuva, poderá ter melhora. Os armadores dos caneiros fazem orações para que não chova, porque lhe tira a água as gajes da pesca (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 15/09/1730, n.º 4, p 5-6).

Conforme observamos, desde o nascimento seu objetivo consistiu em fazer divertir. No seu primeiro número o editor se preocupa também em explicar ao leitor o que seria um folheto, razão pela qual é possível supor que o termo e o gênero fossem estranhos aos leitores:

FOLHETO, senhores meus, é palavra estranha, natural da Itália, e vale o mesmo que bugiaria, é um rabo-leva da Gazeta, e uma noticiosa chocarrice, é um desenfado por modo de novidade, e é um sainete, como esgaravador do apetite, palito no banquete da ociosidade lhe chamou um crítico de Romance o que eu seguro é que é uma causa, que a pouco custo faz rir a gente se ela quiser. Usam-no em França como moda as senhoras mães xarifes, cujos estrados são com o FOLHETO palestras de riso às quintas feiras, e há formosura, que lê mais por ele, que pelo livro das almas (FOLHETO DE AMBAS LISBOA, S/D, 1730, Nº 1, p.02).

De caráter jocoso e preço acessível o termo *bugiarias* remete a “gestos, momos de bugios, ou ridículos. § Brincos, bonecos, e frandulagens de-pouco preço” (SILVA, 1789, TOMO I, p. 201). Dessa forma, o *Folheto* possuía duas características que não podem passar despercebidas: a) o caráter cômico, cuja particularidade é ser jocoso ou aquilo que faz rir; “assunto cômico, e ridículo, cantado, porém ao modo das composições sérias” (SILVA, 1789, p.189). Além disso, o editor o concebe como um presente, pois o termo sainete diz respeito a “s. m. § presente, mimo, com que se ameiga a gente esquivia” (SILVA, 1789, p.367). O estilo jocoso perpassa todo o periódico, inclusive os relatos fúnebres e b) o fato de ser uma publicação aparentemente anônima.

Desse modo, este trabalho divide-se em três partes. Primeiro, buscaremos situar o *Folheto de Ambas Lisboas* como suporte que serve à circulação escritos literários jocosos no século XVIII, buscando entender o contexto do seu surgimento; segundo, procuraremos analisar as práticas de escrita utilizadas pelos redatores na apropriação das notícias publicadas originalmente na *Gazeta de Lisboa Ocidental*, enfatizando o processo de rebaixamento estilístico de gêneros considerados nobres. Por fim, nos deteremos nesse processo de apropriação, discorrendo sobre a relação entre a literatura de cordel lusitana e a literatura de folhetos do Nordeste. Vale ressaltar que adotamos a denominação de Márcia Abreu (1993), que prefere referir-se à literatura tradicionalmente chamada de literatura de cordel por *literatura de folhetos*.

Segundo a autora, essa era a denominação utilizada pelos primeiros poetas populares do Nordeste, que atribuíam o epíteto “literatura de cordel” apenas aos folhetos portugueses. Segundo a autora *Literatura de Cordel* é uma atribuição dos estudiosos a esta produção, numa importação do termo português. A partir da década de 70, alguns poetas brasileiros começaram a empregar o termo, talvez influenciados pelo contato com os críticos” (ABREU, 1993, p.5).

2 O Folheto de Ambas Lisboas e seus redatores

O tom jocoso do folheto é perceptível desde o título *Ambas Lisboas*, o qual faz alusão à divisão da cidade de Lisboa e ao nome do periódico que parodiava, *Gazeta de Lisboa Ocidental*, que se dirigia apenas a uma parte da cidade. Ao usar o título de “Ambas Lisboas”, os autores reforçavam o absurdo da situação, promovida pela bula do papa Clemente XI, que criou o patriarcado de Lisboa, estabelecendo uma divisão eclesiástica com duas jurisdições: “o acerbispado na sé velha e o patriarcado na capela real, agora denominada igreja patriarcal” (SILVA, 2006, p. 184). À divisão eclesiástica sucedeu uma divisão administrativa:

Ficando a cidade ocidental com 22 freguesias na cidade, e 24 no termo, e cerca de 700 ruas entre maiores e menores, duas praças, a do Rossio e a do Terreiro do Paço, e numerosos templos que chegavam a 124, entre os conventos, as ermidas e as capelas, sem contar as igrejas paroquiais. Ficou-se chamando cidade oriental à parte mais antiga contida dentro das muralhas, cujos fragmentos serviram para assinalar os limites à jurisdição de cada um dos prelados (patriarca e arcebispo) (SILVA, 006, p. 184)

Sobre o estilo jocoso, a despeito do rebaixamento que faz dos gêneros nobres ou altos, não deve ser confundido com textos revolucionários, contrários às instituições políticas e religiosas, mas sim como textos “que em diversas operações manifesta a ruindade do corpo humano, para emenda do vicioso” e que, por consequência, visavam corrigir os vícios e criticá-los (LISBOA, 2011, p.399). Ao longo da história literária, primeiramente, para os parâmetros românticos, esse tipo de publicação era destituído de valor estético e originalidade, já no que concerne ao ponto de vista do positivismo, essa produção era alheia à realidade dos modos de escrita do século XVIII e, portanto, menor. Observe-se, por exemplo, a compreensão positivista de Nelson Werneck Sodré sobre o valor desse gênero de publicação:

Papeis, gazetas, livros eram vendidos no cais por marinheiros ingleses. [...] O Almanaque da cidade do Rio de Janeiro, de 1792, mencionava a existência de uma só livraria; mas o de 1799 acusa a existência de duas. Que livros seriam vendidos nelas? O livro de Carlos Magno, o Almocreve das [sic]

Petas, almanaques, folhinhas. Tudo impresso no Reino, evidentemente. Os bons livros, os livros autênticos, entravam de contrabando (SODRÉ, 1999, p. 14)

Contrariamente a essas considerações negativas, partimos do pressuposto de que o *Folheto de Ambas Lisboas* é um importante suporte de circulação de textos literários no século XVIII, tendo em vista que estamos diante de outra sociedade, com práticas culturais, valores e conhecimentos diferentes dos nossos. Assim, para Lisboa e Miranda, “os textos jocosos moderados têm um humor que, com o passar dos anos, foge ao entendimento, que se capta dificilmente, que depende do contexto e do gosto do momento” (LISBOA; MIRANDA, 2011, p. 391).

Ao tomar esses folhetos como suporte do literário, é possível reconstituir, a partir da produção material dos seus escritos, dos anúncios e, sobretudo, dos prólogos, os modos de escrever e de ler de certa imprensa do fim do século XVIII e início do XIX, supondo, com Mckenzie (2004), que a exigência dos novos leitores e as formas tipográficas enformam novos gêneros. Nesse contexto, interessam-nos

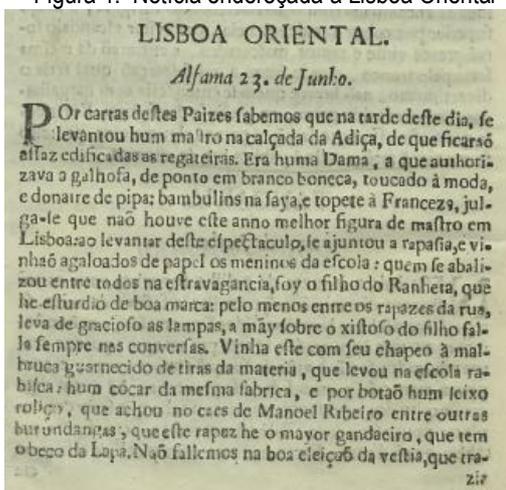
o modo como se deu a apropriação de outros gêneros noticiosos – casos; cartas e sonhos; relações; notícias – e também de outros gêneros retórico-poéticos – máximas e dissertações; epigramas, glosas, sonetos, apólogos, enigmas e adivinhações, como os preferidos do autor – pelo suporte do folheto, em um contexto no qual, ao mesmo tempo, os folhetos ganhavam o caráter periódico da imprensa (BARBOSA, 2017, p. 674)

Dessa forma, os leitores e as formas tipográficas que lhes informam os sentidos influenciam diretamente no surgimento de novos gêneros e nas transformações dos gêneros antigos. O estudo sobre os objetos literários resultantes de práticas culturais de um tempo e de uma época recuada no tempo só foi possível graças à História Cultural, que lançou um novo olhar sobre os suportes em que esses textos pouco nobres circulavam, bem como sobre a comunidade que os consumia e os produzia. Sendo assim, o estudo dos textos literários requer atenção às formas - os suportes materiais - que participam do processo de significação do texto, bem como aos leitores, que em diferentes épocas constroem significações diferentes para os escritos.

O *Folheto de Ambas Lisboas* circulava semanalmente em Lisboa e tinha sua impressão feita pela Oficina da Música. Muito embora tenha havido algumas interrupções em sua circulação, foram publicados 26 números, dos quais o primeiro saiu em agosto de 1730 e o último em agosto de 1731. Cada número continha 8 páginas sem numeração. Nessas páginas é

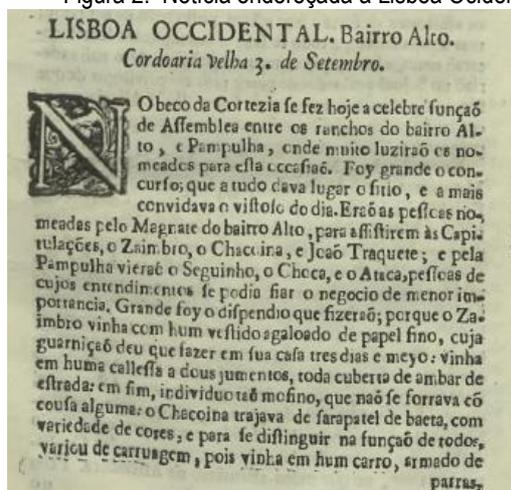
possível encontrar liras, sonetos, xácara, cartas, oráculos, mote, glosa, redondilha, voltinha, alarido jocoso fúnebre, anúncios de livros e histórias de acontecimentos diários, intituladas por bairro e data. Muitos dos gêneros citados são estranhos ao leitor de hoje, pois desapareceram ou caíram no esquecimento e outros, como o soneto, sobreviveram à passagem do tempo. Cada folheto tem um título, seguido por uma xilogravura, a qual pode variar de um folheto para outro. O texto é iniciado por uma letra capitular, muito usada nos periódicos da época. Além disso, ao folheá-lo nota-se que é endereçado às duas Lisboas (Occidental e Oriental), de modo que em cada folheto há uma parte dedicada tanto a uma quanto a outra conforme fig. 1:

Figura 1: Notícia endereçada a Lisboa Oriental



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730)

Figura 2: Notícia endereçada a Lisboa Occidental



Fonte: Folheto de Ambas Lisboas (1730)

Um dos primeiros periódicos a ser publicado em Portugal, o *Folheto* foi atribuído ao editor Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora e seu colaborador Vitorino José da Costa. Vale dizer que esses homens eram pessoas instruídas, homens das letras. Jerônimo Tavares Mascarenhas de Távora era “[...] advogado de causas forenses em Lisboa, e depois Juiz de fora de Marvão [sic], na província do Alentejo. Foi Sócio das Academias dos Juvenis, e dos Aplicados” (SILVA, 1858, p. 278) e Vitorino José da Costa “Presbítero secular, e egresso da Ordem dos Monges Beneditinos, na qual professara e já era sacerdote, com nome de Fr. Vitorino de Santa Gertrudes” (SILVA, 1858, p. 444).

Portanto, os editores conheciam bem as normas retóricas e poéticas que regiam a produção do discurso em sua época, ou seja, sabiam utilizar a linguagem clássica e seus mecanismos de persuasão e dissuasão, já que um era advogado, membro de academias e juiz e

o outro membro de instituição de caráter religioso. Percebemos assim, que o estilo jocoso do folheto é programático, conforme se observa no Prólogo ao leitor:

Trata este FOLHETO novidades galantes; o mesmo referirá o nosso, deixando aos Leitores, ou ouvintes, os alvedrios livres para crer o que ele se refere; diz galantarias com graça; farei por imitá-lo na extravagância: nos fora a frioleira, em que talvez tropece por descuido da energia, mas nisso mesmo acharão os curiosos a melhor graça, ao menos porque os divertirá a confiança. Esta é Senhores do FOLHETO a notícia; agora se conhecerá melhor vendo-a tratada. (FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, s/d, 1730, nº 1, p. 2)

O termo *galanteria* significa “galantear, e servir damas por amor honesto; ou desonesto. I. 6. § Discrição nas palavras. § Asseio, alinhado adorno, e boa composição no trajar, e em alguma obra” (SILVA, 1789, TOMO I, p.649). Assim, o folheto diz respeito a uma composição com ornamentos (enfeites) que podem ser honestas ou desonestas – poderia dizer verdades ou mentiras – referindo-se talvez às notícias fictícias que tal periódico publicava. As composições referem-se, pois, a algo “chulo, ditos/, ações frias, sem sabor, indiscretas; despropósito, tolices, coisas desenxabidas” (SILVA, 1789, TOMO I, p.638) conforme indica o termo *frioleira*.

Cabe observar que a publicação supostamente anônima do *Folheto de Ambas Lisboas* obedecia a uma prática comum na época, bem como o uso do pseudônimo, cujo “processo segue de mãos dadas até o final do século XVIII, com a forte consciência da dimensão coletiva de todas as produções textuais (e não somente teatrais) e o fraco reconhecimento do escritor como tal”(CHARTIER, 2012, p. 267). De outro lado, pode-se supor que ao decidirem pelo anonimato os autores do *Folheto de Ambas Lisboas* pretendiam se proteger, afinal de contas tratava-se de um impresso barato, escrito em gênero jocoso, que parodiava um periódico oficial, além de apresentar críticas às academias e seus componentes. Dessa forma, a publicação anônima preservava a reputação de ambos perante a sociedade lisboense.

Os estudos de Belo (2001) revelam outro aspecto interessante que vale ser analisado, qual seja, o da relação paródica existente entre o *Folheto de Ambas Lisboas* e a *Gazeta de Lisboa Ocidental*. Esses estudos apontam que, ao contrário do *folheto*, a *Gazeta* pretendia atingir um público leitor restrito, fazendo circular as notícias e os certames acadêmicos sobretudo entre a corte e a aristocracia, pois era “considerada relativamente cara, de consumo pouco vulgarizado” (BELO, 2001, p.44). O alto preço impossibilitava às camadas mais pobres ter acesso ao periódico, ao contrário de folhetos que “são referidos e escritos na época como tendo um consumo mais acessível – desde logo mais baratos” (BELO, 2001, p. 44). Contudo, partilhamos a concepção de Barbosa segundo a qual “os folhetos, ao contrário da suposição que

os identificava com o público e à cultura popular, tinham uma destinação ampla, que podia envolver várias classes de leitores” (BARBOSA, 2017, p. 685).

No *Folheto de Ambas Lisboas* observa-se a representação de tipos sociais que, satirizados, remetem à vida da sociedade lisboeta e ao mundo acadêmico da época, havendo ausência de noticiário internacional. Além disso, por se tratar de um folheto jocoso destinado a todas classes sociais em virtude do baixo valor de venda, pode-se afirmar que não havia restrição social em sua circulação, nem nos assuntos tratados pelo *Folheto*. É importante lembrar que mesmo as altas taxas de analfabetismo não representavam impedimento à recepção de folhetos como o *Folheto de Ambas Lisboas* uma vez que as práticas de leitura no século XVIII eram diversas, havendo a possibilidade de, por meio da leitura oral e coletiva, atingir as classes sociais mais pobres. (CHARTIER, 1999). Por consequência a circulação desse tipo de publicações foram, segundo Barbosa e Santos “responsáveis pela popularização, no campo literário, de vários gêneros poéticos que foram publicados primeiramente como sublimes e tiveram nesses folhetos sua leitura e popularização” (SANTOS, 2015, p. 62).

3 Circulação e apropriação de temas dos folhetos jocosos por folhetos do Nordeste

A relação paródica entre o *Folheto de Ambas Lisboas* e a *Gazeta de Lisboa Ocidental* analisada por Belo (2001) requer a discussão sobre a diferença entre cópia e apropriação. Antes é necessário afirmar que na cópia não há inovação, ou seja, trata-se de uma reprodução idêntica do original; no caso da apropriação cria-se algo novo. Assim, entendemos que o folheto lusitano se apropria da *Gazeta* ao parodiá-la. Paralela à apropriação da *Gazeta de Lisboa*, observa-se que esses folhetos reproduzem o mesmo mecanismo de apropriação identificado por Roger Chartier nos folhetos da biblioteca azul francesa, que consiste em “beber no repertório de textos consagrados, aqueles que mais parecem convir às expectativas do grande público que ela vai atingir” (CHARTIER, 1999, p. 20).

É esse tipo de apropriação que interessa a este artigo, especificamente no que tange à citação de trecho do *Auto da Imperatriz Porcina*, escrito por Baltazar Dias, em 1660. No folheto, o redator se refere a um *gaiteiro de fole*, chegado de Viena, que no dia do Círio da Pena, canta *lindamente* a Xácara do *Auto da Imperatriz Porcina*:

Zabelinha se lavares,
Seja na borda do rio,
que não quero vos ofendam
as águas dessa ribeira.

Estrilho

Se uma bem lava
Outra melhor torce,
Namorou-me seu lavar.
(FOLHETO DE AMBAS LISBOAS, 08/06/1731, nº 25, p. 7)

Dado o desconhecimento que se tem, na atualidade, sobre o gênero xácara informamos que se trata de uma “espécie de romance ou narrativa popular, em verso, que se cantava ao som de viola” (SILVA, 1789, p. 538) e que foi apagado da história da literatura. Essa pequena passagem no folheto jocosos consiste em uma apropriação da conhecida história da Imperatriz Porcina, até aquele momento apenas mencionada por Teófilo Braga (1885, p.458, II *apud* CASCUDO, 1952, p. 9). O pesquisador brasileiro, contudo, parece não ter tido acesso aos folhetos jocosos portugueses, uma vez que se limita apenas a citar Braga. Márcia Abreu (1993), em seu fundamental e exaustivo estudo sobre o diálogo entre o folheto de cordel português e o folheto do Nordeste do Brasil, não analisa, contudo, os folhetos periódicos jocosos de meados do século XVIII. Porém, segundo Gilda Verry (2014) é possível identificar o último folheto do gênero, de grande sucesso editorial³ e de público, *O Almocreve de petas* [1798], de José Daniel Rodrigues da Costa, dentre os títulos enviados para a Província da Paraíba. Sobre a fonte do Almocreve, seu autor não deixa dúvidas de que imita os folhetos de 1731, no caso, o *Folheto de Ambas Lisboas*:

Esta obra é uma imitação dos folhetos, que em 1731 saíam todas as semanas, e não obstante o seu Autor desfrutar um espírito mais desafogado, nem por isso seguiu outro trilho; a sua elocução é baixa e jocosa, porque um papel de petas não é suscetível de uma frase grandiloqua e guindada [...] (COSTA, XIII, 1819, p.7, grifos nossos).

Contudo, o que descobrimos ao ler o *Folheto de Ambas Lisboas*, e ainda não referido pelos estudiosos, é uma possível versão do tema da cachorrinha, enterrada e paparicada por sua dona, temática esta que pode ser também encontrada no folheto *O dinheiro* (1909), de Leandro Gomes de Barros e no *Auto da Compadecida* (1975), de Ariano Suassuna, no qual a cachorra é enterrada como cristã. É no Folheto de nº 25 que se encontra um relato referente à morte de uma cachorrinha que vivia de forma ostentosa e fora enterrada às lágrimas pela dona. Senão vejamos:

³ Sobre o sucesso editorial de *Almocreve de Petas*, Abreu (1993) identifica-o em 4 anúncios, em vários catálogos de livrarias do Rio de Janeiro e de São Paulo: catálogo da Livraria de B. L. Garnier; Catálogo da Livraria Garraux, de Lailhacar & Cia; Catálogo da Livraria Universal de Eduardo & Henrique Laemmert. Nobre (2009, p. 50) encontra os anúncios de *O Almocreve de Petas*, no *Diário do Grão-Pará*, à venda na Loja de João Batista da Costa Carneiro, em Belém.

Costa do Castello 30 de Maio.

Morreu uma cachorrinha de fralda a certa Recolhida, e chamavam lhe à cadela Borboleta, foi a sepultar nesta mesma costa com grandes lágrimas da dona, pelo grande gosto que dela fazia, por ter lindas prendas, ladrava, mordida, e mijava a casa, & c. Da felpa que lhe tosquiaram, se tem cheios vinte e sete colchões, fora as molhaduras; e ainda sobejou, senão pano para mangas, miolo para três almofadinhas, bem joeiradas. (*FOLHETO DE AMBAS LISBOAS*, 08/06/1731, nº 25, p. 7).

Trata-se de um animal exageradamente estimado pela sua dona que lhe oferece um sepultamento à altura de uma pessoa. Chama a atenção a ironia e o exagero contidos na descrição daquilo que foi produzido pela cachorrinha, como se um animal útil ele fosse. O *dinheiro* (1909), de Leandro Gomes de Barros, é composto por 34 sextilhas, com estrutura em versos ABCBDB e conta a história de um inglês que suborna um vigário para que esse realize um enterro cristão do seu cachorro de estimação que, por sinal, deixara um testamento. Ao saber disso, o vigário, passando por cima das leis da igreja, realiza o tal enterro:

Morreu o dito cachorro
E o inglês disse então:
Mim enterra esse cachorro
Inda que gaste um milhão.

Foi ao vigário lhe disse:
- Morreu cachorra de mim
E urubu do Brasil
Não poderá dar-lhe fim,
Cachorro deixou dinheiro:
Perguntou o vigário, assim?
[...]
Ele antes de morrer
Um testamento aprontou
Só quatro contos de réis
Para o vigário deixou
Antes do inglês findar
O vigário suspirou

Coitado! Disse o vigário,
De que morreu esse pobre?
Que animal inteligente!
Que sentimento tão nobre!
(BARROS, 1909, p. 5)

Na notícia do *Folheto de Ambas Lisboas* diz-se que a cachorrinha fora encontrada de fralda, o que remete ao fato de ter sido tratada em vida como um bebê (ser humano). Ao contrário do folheto do Nordeste, no qual o cachorro deixa um testamento, constando, portanto,

que possuía bens, a cachorrinha deixa inúmeros colchões com sua felpa. Observe-se que se trata de um caso cujo humor não podemos recuperar, como afirmam a Lisboa e Miranda em passagem anteriormente citada: “os textos jocosos moderados têm um humor que, com o passar dos anos, foge ao entendimento” (LISBOA; MIRANDA, 2011, 391). No *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, observa-se claramente a apropriação do folheto de Leandro Gomes de Barros, *O dinheiro* (O testamento do cachorro), fato reconhecido até mesmo pelo senso comum.

Em ambos os casos, observa-se que a apropriação não se faz apenas entre um periódico e outro, mas entre gêneros literários e até mesmo suporte diversos. Contudo, até o momento, não se tem estudos, pelo menos no Brasil, que reconheçam a dívida dos Folhetos do Nordeste com os folhetos periódicos jocosos do século XVIII português.

Conclusão

Muito ainda há que se pesquisar e descobrir com relação aos folhetos jocosos, criados no século XVIII, em Lisboa, e que circularam no Brasil até final do século XIX, conforme atestam os catálogos de editoras e da Fundação Biblioteca Nacional, bem como os anúncios dos jornais dos séculos XVIII e XIX.

Em resumo, as práticas discursivas dos periódicos jocosos portugueses do período devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva heterogênea, onde se observa ao lado da permanência de gêneros antigos, a possibilidade da criação de novos, “lembrando que o gênero não tem que ser puro ou inalterável em suas disposições” (PÉCORA, 2001, p.12). Assim, embora reconheça que os gêneros antigos, mesmo os jocosos, têm seus próprios protocolos, formas de argumentação e decifração que devem servir para lhes dar legibilidade, defendemos com Pécora que “a tendência histórica básica dos mais diferentes gêneros é a de desenvolver formas *mistas*, com dinamicidade [...] que impedem definitivamente a descrição de qualquer objeto como simples coleção de aplicações genéricas” (PÉCORA, 2001, p. 12, grifo do autor). Além desse processo de imitação, circulação e apropriação, observa-se como esses folhetos contribuíram para o processo romântico de dessacralização dos gêneros clássicos da Poética e da Retórica. Tomando mais uma vez José Daniel Rodrigues da Costa, observa-se que “não se deve esperar de uma tal obra os traços de um Poema, a Unidade de uma Tragédia, ou os Voos

de uma Ode: os estilos devem-se proporcionar aos assuntos, fazer o contrário é cometer um crime pelas Leis do crítico Romano” (COSTA, XIII, 1819, p.8).

Embora periódicos como o *Folheto de Ambas Lisboas* tenham sido esquecidos ou menosprezados tanto pela história da literatura quanto pelo jornalismo, é a partir deles que podemos analisar a dívida que a literatura romântica, na revolução promovida nos tradicionais gêneros poéticos e retóricos, tem com eles no que tange ao processo de formulação de gêneros mistos e até mesmo com a ruptura dos tradicionais gêneros.

Em outras palavras, analisar esses folhetos representa, para o estudo da história cultural e literária do XVIII, restaurar o *modus operandi* de construção de sentido dos escritos, a partir do presente da enunciação naquele suporte, restaurando ao mesmo tempo a sua legibilidade. Como assinala Chartier, “as transações entre as obras e o mundo social não consistem unicamente na apropriação estética e simbólica de objetos comuns, de linguagens e práticas ritualizadas ou cotidianas”(CHARTIER, 2007, p. 13). Compreender a relação das obras com o mundo social que as forjou implica reconhecer mais “fundamentalmente as relações múltiplas, móveis e instáveis, estabelecidas entre o texto e suas materialidades, entre a obra e suas inscrições” (CHARTIER, 2007, p. 13).

Referências

- ABREU, M. A. *Cordel português / folhetos nordestinos: confrontos, um estudo histórico comparativo*. 1993. 294 f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- BARBOSA, S, F, P. José Daniel Rodrigues da Costa e a imprensa periódica jocosa de Portugal do século XVIII. *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 43, p. 672-695, mai.- ago. 2017.
- BARROS, L. G. *O dinheiro (O testamento do cachorro)*. Recife: s/e, 1909. Disponível em: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_colecao.html]. Acesso em 03 set. 2018.
- BELO, A. *As gazetas e os livros: a Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso (1715-1760)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2001.
- BELO, A. Notícias impressas e manuscritas em Portugal no século XVIII: horizontes de leitura da Gazeta de Lisboa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 22, p. 15-35, jul./dez. 2004.
- BLUTEAU, R. *Vocabulário português & latino: áulico, anatômico, arquitetônico...* Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. 8 v.
- BRAGA, T. *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa: s/e, 1885, Tomo II.

- BURKE, P. *O que é História Cultural?* Tradução de Sergio Góes de Paula. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASCUDO, L. C. *História da Imperatriz Porcina*: Crônica de uma novela popular do século XVI, popular em Portugal e no Brasil. Editora: A. Pinto, 1952. Disponível em: [http://documents.tips/documents/historia-da-imperatriz-porcina.html]. Acesso em: 03 set. 2018.
- CHARTIER, R. *As utilizações do objecto impresso*. Algés: Difel, 1988.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos avançados*. São Paulo, v. 5, n. 11, abril, 1991.
- CHARTIER, R. . *A ordem dos livros*. 2ª Ed. Brasília: Unb, 1999.
- CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- CHARTIER, R. Inscrever e apagar. *Cultura escrita e literatura (séculos XI – XVIII)*. Trad. Luzmara Curcin Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.
- CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, USP, vol 24, n. 69, 2010, p.07-30.
- CHARTIER, R. *Cardenio*: entre Cervantes e Shakespeare a história de uma peça perdida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- COELHO, F. S. Os patriarcas de Lisboa. Recessão. *Lusitania Sacra*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2ª série, tomo XXV, janeiro-junho, 2012. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=_g9XksUKQRsC&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false]. Acesso em: 04 set. 2018.
- COSTA, J. D. R. *O almocreve de petas, ou moral disfarçada para correção das miudezas da vida*. 3 Tomos. 2ª ed. Lisboa: Of. de Simão Tadeu Ferreira, 1819.
- DIAS, B. *Emperatris Procina*. Lisboa, por Domingos Caneyro, 1660. Disponível em: [http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital]. Acesso: 03 set. 2018.
- FOLHETO DE AMBAS LISBOAS. Lisboa Ocidental: oficina da música, 1730-1731.
- LISBOA, J. L. MIRANDA, T C. P. R. A cultura escrita nos espaços privados. *História da vida privada em Portugal: A Idade Moderna*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. p. 333-394.
- LISBOA, J. L. O Anatômico entre os papéis jocosos setecentistas. In: LUSTOSA, I. (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2011. p. 392-405.
- MCKENZIE, D. F. *Bibliography and the sociology of texts*. London, The British Library, 2004.
- NOBRE, I.G. *Leitura a vapor: a cultura letrada na Belém oitocentista*. 2009. 180 f. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Comunicação. Universidade Federal do Pará, Bélem.
- PÉCORA, A. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001.
- SANTOS, M. C e BARBOSA, S. F. P. A sátira e as técnicas retóricas nas cartas jocosas de o Almocreve de petas (1798-1799). *Cadernos Literários*, v. 23, n. 1, p. 60-84, 2015.
- SILVA, A. M. *Dicionário da língua Portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva*, Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, Tomo I, 1789.

SILVA, I. F. *Dicionário Bibliográfico Portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.

SILVA, M. B. N. D. *João V*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SUASSUNA, A. *O auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

TENGARRINHA, J. *História da imprensa periódica portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

TINHORÃO, J. R. *História social da música popular brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

VERRY, G. *Livros na capitania da Paraíba no século XVIII*. In: BARBOSA, S. F. P. (org.) *Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: EdUFPB, 2014. p. 63-116.